

14 MAI 1961

#### NEOCONCRETOS NO MAM

No dia 27 às 21 horas será inaugurada no Museu de Arte Moderna a exposição do grupo neoconcreto. O movimento iniciado em março de 1959 resultou da cisão de alguns artistas (pintores, escultores e poetas) principalmente do Rio que não aceitaram os dogmas racionalistas instituídos pelo chamado grupo concreto. Desde a sua fundação até hoje o movimento já realizou 3 exposições no Rio, uma em Salvador e publicou 5 livros da coleção Espaço e vários artigos e estudos nos suplementos literários (principalmente no SDJB). A exposição anunciada, a que estarão presentes Albertus Marques, Aluisio Carvão, Amílcar Ferreira Gullar, Helió Oiticica, Hercules Barsotti, Lygia Clark, Lygia Pape, Osmar Dillon, Reynaldo Jardim, Roberto Pontual e Willys de Castro, será a 5.ª da série, reunindo 77 trabalhos na sua maioria orientados para a abolição das categorias convencionais de escultura, quadro e poema, sendo quase todos inéditos para o público paulista.

W. 3/82

FOLHA DA NOITE  
SÃO PAULO

16 MAI 1961

## ARTES PLÁSTICAS

José GERALDO VIEIRA

# O grupo neoconcreto no MAM

É obvio que o conjunto apresentado no MAM pelos neoconcretos pede, para a sua compreensão, a análise de proposições fundamentais entre obras expostas simultaneamente, porém definindo tarefas diferentes de expressão e intenção. Novas formas móveis e novos movimentos no espaço-tempo. Mas, tais formas e tais movimentos possuem aquilo a que chamaríamos totalidade vivencial e plástica, uma vez o olhar os colheendo ou os apreendendo integralmente. Há fenômenos de reversibilidade contínua e instantânea, principalmente nas peças de Lygia Clark e Amílcar de Castro. Confunde-nos, às vezes, o efeito mágico de transmutação dos volumes e planos, ficando nós sem saber como definir os objetos: pintura? escultura? É por isso que o termo «não-objeto» (apesar da confusão lexical e semântica decorrente da negativa «não») deve ser interpretado como algo não estático ou já existente, como algo ou coisa criada pela primeira vez, muito embora sugira infinitudes de analogias. Essa modulação de metamorfoses e evoluções no tempo-espaço parece caracterizar o lado revolucionário e, ao mesmo tempo, criador do movimento. Outra inovação é quanto aos conceitos «plano» e «cor». Pode-se verificar isso nos trabalhos de Amílcar e Oiticica.

Chega-se, assim, do negativismo apriorístico à afirmativa ulterior, pois já nos trabalhos de Willys de Castro, por exemplo, ao invés do «não-objeto» da problemática das superfícies e dos espaços se esgueira o «objeto-ativo».

No que diz respeito à obra poética que complementa a exposição, esses poemas podem parecer bagues em sua apresentação. O visitante julgara haver-se com variantes de encadernação e de engavetamento de palavras caso ele, visitante, ignorasse por completo a poesia concreta. Eis um problema de crítica literária e não plástica.

Diante da exposição neoconcreta, nos lembramos, como movimento de revelações e surpresas, de outros movimentos já desde muito incorporados à história da arte. Temperamentos fundamentalmente revolucionários surgem sempre quando há engarramentos no trânsito artístico. Adotam sistemas de «make-up». O que essa geração de São Paulo e do Rio está fazendo, já em pauta nacional, decorre numa dialética travada entre o concretismo geométrico e o tachismo difuso. Trata-se de gente cujas tarefas polemicas e criadoras nos fazem pensar em Duchamp, Ernst e Schwitters.

W. L. 3/84